

15/7/1986

Bóias-frias decidem manter greve e permanecem em casa

por Andrew Greenlees

de Leme

Os cortadores de cana da cidade paulista de Leme mudaram ontem a tática da greve iniciada há duas semanas. Os ônibus e caminhões que transportam trabalhadores rurais passaram livremente pelas estradas com destino aos canaviais, após a suspensão dos piquetes decidida em assembléia no domingo à noite. No local de trabalho, porém, os bóias-frias limitaram-se a afiar os facões, sem realizar o corte da cana. A troca da "greve na rua" pela "greve na roça" foi inspirada pelo temor da repetição do confronto com a polícia militar ocorrido na última sexta-feira, cujo resultado foi a morte a bala de duas pessoas e ferimentos — principalmente de cassetetes — em mais de vinte.

Ontem, cerca de 1,5 mil bóias-frias, em assembléia, decidiram manter a paralisação e novamente mudaram de tática: os grevistas permanecerão em casa hoje.

Após um final de semana mais calmo, leme amanheceu sob a expectativa de como seria o comparecimento ao primeiro dia da "greve na roça". Desde as primeiras horas da manhã, a rádio local transmitia nova orientação de um grupo de liderança, pedindo aos bóias-frias que permanecessem em suas casas. Mais da metade, no entanto, acabou subindo nos ônibus e caminhões de suas respectivas "turmas". "Prefiro ficar parado no campo", explicou o jovem Bernardino Viana, de 20 anos, pai de um filho e defensor da continuidade da paralisação.

Na Usina São João — a maior da região, localizada no município vizinho de Araras — nenhum dos oitocentos cortadores residentes em Leme trabalhou. A produção foi garantida, porém, por outros 4 mil bóias-frias de cidades próximas, onde houve acordos para as greves das últimas semanas. A média diária do corte, por pessoa, chega a 8 toneladas, transformadas pela usina em 1,5 milhão de litros de álcool por dia e 30 mil a 40 mil sacas de açúcar. Os preços de venda praticados pela Usina São João para o álcool variam de CZ\$ 2,95 a CZ\$ 3,49, dependendo do tipo, enquanto a saca de 50 quilos de açúcar vale CZ\$ 141,31.

Totalmente sem cana ficou a sina Cresciunial, única na região rural de Leme. Pelo 12º dia consecutivo, os sessenta trabalhadores cruzaram os braços e não foram moídas as costumeiras 6,5 mil toneladas diárias. O resultado, segundo o diretor Anselmo Lopes Rodrigues, deixaram de ser produzidos, ontem, 350 mil litros de álcool e 4 mil sacas de açúcar.

Pouco depois das 9 horas da manhã, horário de almoço para os bóias-frias, as turmas de trabalhadores espalhadas pelos canaviais mostravam disposição de continuar a greve, apesar de o sindicato dos trabalhadores já não ter a mesma certeza, pois Leme é a única a persistir na paralisação. "Estamos lutando pelo que é certo", afirmava Juscelino Torres, de 23 anos, natural do Ceará.

Há alguns quilômetros dali, em outro canavial, José Ferreira era mais cauteloso. "Eu posso até voltar, mas não fico contente", avisava, depois de lembrar que tinha "uma vida melhor" no Paraná, de onde veio com seus cinco filhos há um ano.

O ponto de honra nas reivindicações dos 6 mil companheiros de Juscelino e José é a modificação da metodologia de aferição da cana cortada. Hoje, o pagamento é feito por tonelada, a CZ\$ 12,61 para plantas de dezoito meses (maiores) e CZ\$ 12,03 para as de doze meses. Os trabalhadores querem calcular seus ganhos por metro linear, ou seja, pelo espaço

percorrido dentro do canavial numa jornada. Segundo os bóias-frias, essa forma evita irregularidades na pesagem e permite ao cortador verificar os resultados.

"Pagar por metro linear é tecnicamente inviável", responde Anselmo Rodrigues, da usina Cresciumal. Segundo o diretor, o próprio bóia-fria seria prejudicado, pois a diferente qualidade de terra implica diferentes concentrações de pés de cana no mesmo espaço. "Numa terra ruim, onde há quatro varas em 1 metro, o trabalhador andaria muito mais rápido do que outro que trabalhasse em local de terra boa, com uma plantação espessa. E a usina com terra mais fraca teria de pagar mais ao seu bóia-fria", argumenta Rodrigues, acrescentando que as empresas estão "operando no vermelho".

(Página 7)